

A GEOGRAFIA DO CRIME EM MINAS GERAIS - BRASIL E SEUS DETERMINANTES

Alexandre Magno Alves Diniz - dinizalexandre@terra.com.br

Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial –
PUC Minas - Avenida Itaú 555, Bairro Dom Bosco, Belo Horizonte – MG – Brasil

Ana Paula Teixeira - teixeira.anapaula@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial –
PUC Minas - Avenida Itaú 555, Bairro Dom Bosco, Belo Horizonte – MG – Brasil

Wagner Barbosa Batella - wbatella@gmail.com

Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial –
PUC Minas - Avenida Itaú 555, Bairro Dom Bosco, Belo Horizonte – MG – Brasil

Julio Giovanni da Paz Ribeiro - juliogeografo@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial –
PUC Minas - Avenida Itaú 555, Bairro Dom Bosco, Belo Horizonte – MG – Brasil

Resumo

O presente trabalho explora o fenômeno da violência urbana nas cidades médias mineiras e a sua evolução temporal (1995-2003), sua distribuição espacial e seus determinantes. São empregados como fonte de dados os registros de crimes violentos coletados e organizados pela Polícia Militar de Minas Gerais para o conjunto de cidades médias mineiras. A evolução temporal da criminalidade violenta em Minas Gerais apresenta-se de forma uniforme. As taxas de criminalidade violenta aumentaram substancialmente desde 1995, sobretudo aquelas referentes aos crimes contra o patrimônio. Percebe-se, por tanto, uma série de padrões temporais e espaciais em relação à manifestação da criminalidade violenta em Minas Gerais, que, como foi constatado vem crescendo substancialmente no Estado. Os modelos de regressão linear empregaram o percentual da população alfabetizada, com idade entre 20 e 29 anos, pessoas em idade de trabalho ocupadas, o índice de Gini e o total da população como variáveis independentes. Os resultados apontam padrões distintos, com melhor ajuste encontrado para os crimes contra o patrimônio.

Palavras-Chave: geografia do crime; criminalidade violenta; cidades médias;

Introdução

As cidades médias surgem como instrumento de intervenção de políticas de planejamento urbano e regional na França, nos anos 1970 e, desde então, têm sido objeto de estudos e de políticas públicas em diversos países. Além de representarem um importante papel no equilíbrio de redes e hierarquias urbanas, as cidades médias também estabelecem intermediação não só entre as cidades grandes e pequenas da sua região, mas também em relação ao meio rural regional no qual estão inseridas (Amorim Filho, 1984 e 1996).

Às características das cidades médias acima mencionadas, somam-se outras que somente ganharam notoriedade nos últimos anos. São aspectos que fazem parte de um conjunto de valores da sociedade contemporânea, sociedade essa que convive com os grandes problemas dos centros urbanos e que passam a exaltar aspectos como a percepção dos lugares, a busca por identidades individuais e coletivas, lugares que apresentam maiores fluxos turísticos e, principalmente, lançam-se na busca de condições que possibilitem uma melhor qualidade de vida (Batella e Diniz, 2005).

No entanto, as crescentes taxas de criminalidade em Minas Gerais, que antes preocupavam somente os habitantes dos grandes centros urbanos, hodiernamente passaram a fazer parte do cotidiano das cidades que ocupam posições intermediárias na hierarquia urbana, colocando em xeque esta perspectiva e levantando dúvidas sobre o potencial das cidades médias mineiras no planejamento e desenvolvimento socioeconômico do Estado (Amorim Filho, 1984; 1996; Amorim Filho e Abreu, 1999; Amorim Filho e Serra, 2001).

No entanto, a incidência temporal e espacial deste multifacetado fenômeno entre as cidades médias não se dá de maneira homogênea. Existem padrões espaciais específicos atinentes às várias modalidades de crime violento, produzindo uma clara geografia do crime. Diante disso, o presente trabalho busca investigar a evolução espacial e temporal da violência urbana e seus condicionantes nas cidades médias de Minas Gerais na última década. Dentro desta meta geral, destacam-se os seguintes objetivos específicos:

- . identificar a espacialização das taxas de crescimento de crimes violentos entre as cidades médias do Estado de Minas Gerais;
- . identificar padrões de localização e concentração espacial de crimes violentos nas cidades médias do Estado de Minas Gerais; e
- . explorar os condicionantes das taxas de criminalidade violenta nas cidades médias do Estado de Minas Gerais, através de técnicas de estatística multivariada, com destaque para as dimensões social, cultural, econômica e demográfica.

Crime e geografia

O rápido crescimento das taxas de crime observado nas últimas décadas tem despertado o interesse de diversas ciências que se lançam na busca de uma melhor compreensão desse multifacetado fenômeno. Esse crescimento é agravado pelo aumento do nível de concentração espacial, sobretudo a partir do fenômeno da metropolização, apresentando, ainda, forte correlação com outras características espaciais e, também, com a configuração de diferentes parcelas do território das cidades (Guidugli, 1985). A geografia tem dado grande contribuição aos estudos interdisciplinares que focam essa temática. Segundo Félix (1996), ela tem buscado, à luz de teorizações diversas, por meio de análises associativas e em conexão com outros campos científicos, explicar as múltiplas desigualdades espaciais e todo o processo que as origina.

Os estudos pioneiros sobre a geografia do crime ocorreram nos EUA na década de 1970. No Brasil, algumas iniciativas isoladas têm se destacado, merecendo destaque o grupo formado por geógrafos da PUC Minas que inovaram ao contemplar, em suas pesquisas e publicações, a criminalidade violenta nas cidades médias mineiras.

Apesar dos avanços nos estudos sobre o crime na perspectiva espacial, muito pouco se produziu sobre o aspecto teórico entre a geografia e a criminalidade. Em geral, tais estudos incorporam as teorias e pesquisas desenvolvidas por sociólogos e criminologistas. Dentre essas teorias se destaca aquela com fundamentação sociocultural na busca de uma explicação para a diversificada manifestação espacial

do crime. Segundo essa teoria, quando o sucesso econômico se torna busca incessante das pessoas, “a privação é frustrante e pode levar à tentativa de aquisição de bens, não importante por que meios” (Felix, 1996, p.149). Por outro lado, quando o sucesso econômico é diferenciado num fundamento de classe, a baixa renda pode ser considerada legítima e a frustração torna-se limitada, fazendo que as populações de regiões menos abastadas valorizem aspectos como rede de parentescos, lealdade, culturas locais e outras particularidades da vida. A incidência criminal nessas regiões estão relacionadas à forças exteriores à comunidade e à ênfase a comportamentos como bravura e honra, sendo maior a presença de crimes contra a pessoa (Harries, 1971 *apud* Félix, 1996).

No entanto, Félix (2002) aponta que as regiões com maior desenvolvimento econômico onde encontram-se as maiores aglomerações populacionais, sobretudo migrantes que buscam emprego e melhores condições para o sustento, dotam a vida de um caráter anônimo, desestruturando mecanismos de controle social informal. A autora coloca ainda que o adensamento de pessoas nos centros urbanos pode produzir uma maior conscientização da desigualdade social, o que, por conseqüência, tem o potencial de incitar a prática criminal, o que representaria uma resposta para a dissociação entre aspirações materiais e possibilidades reais de realização de boa parte da população. O adensamento populacional permite também a difusão de informações sobre os meios legítimos e ilegítimos de aquisição de bens, facilitando a prática criminal. Outros aspectos como o grau de deterioração das estruturas físicas dos centros urbanos, funcionando como um indicador de vulnerabilidade ambiental, e à intensa mobilidade espacial da população, que atomiza as estruturas e enfraquece a coesão social através do confronto entre valores culturais, contribui para o crescimento da criminalidade nos centros urbanos. Nessas regiões há o predomínio de crimes contra o patrimônio.

Metodología

Antes de tudo, é importante buscar uma conceituação operacional de violência urbana, que permita a materialização do presente estudo. Sem querer entrar em

debates filosóficos acerca da polissemia do epíteto “violência”, este estudo adota a noção de crimes violentos, empregada pela Polícia Militar de Minas Gerais, como indicadores de violência urbana. A classificação da PMMG engloba os seguintes crimes: homicídio, homicídio tentado, estupro, roubo, roubo-à-mão-armada, roubo de veículos, roubo de veículos à-mão-armada e seqüestro. Por sua gravidade, dimensão e impacto, esses delitos são facilmente reconhecidos pelas pessoas, o que torna sua definição e classificação mais apurada. Um outro aspecto positivo acerca desse sistema de indicadores é o fato de se poder avaliar a magnitude relativa de cada modalidade de crime, além de se construir análises de tendências longitudinais.

Este estudo empregará como unidade básica de análise as cidades médias do Estado de Minas Gerais, definidas e classificadas por Amorim Filho e Abreu (1999), e como fonte precípua de informações sobre os crimes violentos, o sistema de registro de crimes da Polícia Militar de Minas Gerais, organizados no Sistema de Informações de Segurança Pública (SM20).

Num primeiro momento, estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) foram empregadas com o objetivo de explorar a composição, natureza e distribuição das taxas de criminalidade violenta entre as cidades médias mineiras.

Posteriormente, taxas de crescimento entre 1995 e 2000 foram produzidas para todas as taxas de criminalidade violenta, buscando compreender a trajetória de incremento das diversas modalidades de crime violento. Num terceiro momento, mapas isopléticos, de prisma e em 3D foram produzidos para as taxas de criminalidade, com o fito de se identificar padrões regionais de concentração de ocorrências criminal e de crescimento entre as cidades médias do Estado. Trabalhou-se, então, com análises de correlação bivariada, buscando-se identificar os principais fatores correlatos das taxas de criminalidade violenta entre as cidades médias mineiras e, posteriormente, diante dos resultados das correlações bivariadas, modelos de regressão linear múltipla foram desenvolvidos.

Resultados:

Análise da evolução temporal dos crimes violentos contra o patrimônio

Com base na análise dos polígonos de freqüência, percebe-se que a taxa total de crimes violentos contra o patrimônio apresenta um padrão evolutivo similar no conjunto de Mesoregiões mineiras (Figura 01), demonstrando fraca trajetória ascendente ao longo do período analisado. Entretanto, este crescimento se intensifica a partir de 1999. Cabe pontuar que apesar deste processo de crescimento ter se manifestado de maneira similar no conjunto do Estado, algumas Mesoregiões se destacam por apresentarem patamares de criminalidade muito superiores à média estadual, apesar de acompanharem a tendência geral de crescimento. Neste sentido, é gritante o *gap* existente entre as Mesoregiões Metropolitana de Belo Horizonte e Triângulo Mineiro e o resto do Estado. Por outro lado, as demais Mesoregiões de Minas Gerais apresentam taxas inferiores às médias do Estado, com destaque para o Vale do Jequitinhonha que apresenta as mais baixas taxas total de crimes violentos e total de crimes violentos contra o patrimônio.

Figura 1

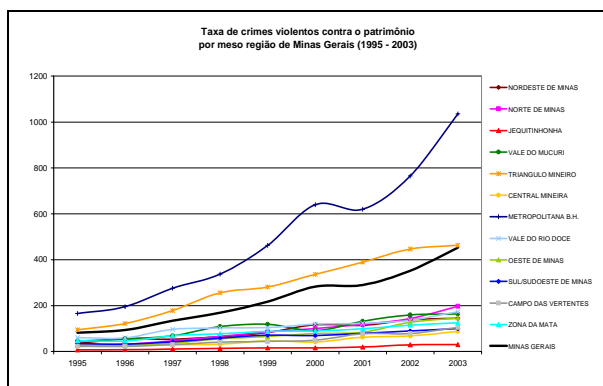
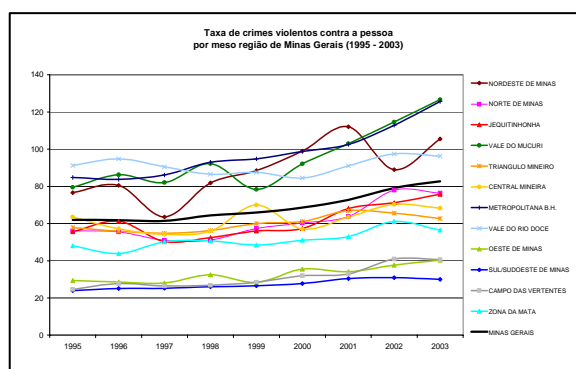


Figura 2



Análise da evolução temporal dos crimes violentos contra a pessoa

Quando se observa o conjunto de crimes violentos contra a pessoa (Figura 02) dois aspectos saltam aos olhos. Primeiramente, o fato das taxas de crimes contra a pessoa serem significativamente mais baixas do que aquelas observadas nos crimes contra o patrimônio. Outro aspecto que também chama a atenção é o padrão errático de crescimento demonstrado por boa parte das Mesoregiões do Estado.

Entretanto, vale ressaltar que as Mesoregiões Vale do Mucuri, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce e Noroeste de Minas apresentam níveis de violência superiores à média do Estado, enquanto as Mesoregiões Norte de Minas, Central Mineira, Triângulo Mineiro, Zona da Mata e Jequitinhonha encontram-se num patamar inferior, próximas à média do Estado no período. Por outro lado, percebe-se ainda um terceiro agrupamento de Mesoregiões que se encontra muito abaixo da média estadual. Trata-se das Mesoregiões Campo das Vertentes, Sul/Sudoeste de Minas e Oeste de Minas.

Ainda acerca do total de crimes violentos contra a pessoa, cabe pontuar que o crescimento apresentado pelas Mesoregiões Nordeste, Mucuri, Vale do Rio Doce, Central e Norte de Minas apresentam um padrão de crescimento ascendente, porém oscilante no período em análise.

Diante do comportamento não linear nas taxas de crescimento, fica difícil apontar ou identificar tendências específicas nas Mesoregiões. Entretanto, cabe ressaltar que em relação à manifestação espacial dos estupros tentado e consumado a Região Metropolitana de Belo Horizonte se destaca, apresentando não só as menores taxas do Estado, bem como taxas decrescentes nos últimos anos.

Análise espacial dos crimes violentos contra o patrimônio

O total de crimes violentos contra o patrimônio apresentava até o ano de 1997 taxas pouco significativas nas cidades médias do Estado de Minas Gerais (oscilando entre 0 e 181,55 ocorrências por 100.000 habitantes). Outro aspecto digno de nota é o

fato de que o fenômeno apresentava-se uniformemente distribuído nas cidades médias do Estado, até então.

Entretanto, a partir de 1997, observa-se uma intensificação na manifestação destas modalidades de crime, com a concentração do fenômeno em algumas cidades médias, especialmente em Uberlândia, Uberaba, Montes Claros, Governador Valadares, Teófilo Otoni (Figuras 3 e 4).

Curiosamente, nos demais municípios as taxas permanecem pouco significativas, principalmente entre aqueles localizados na porção meridional de Minas Gerais. Neste contexto, excetua-se Juiz de Fora, que, apesar de figurar neste quadrante, apresenta taxas totais de crimes violentos relativamente altas.

Figura 3

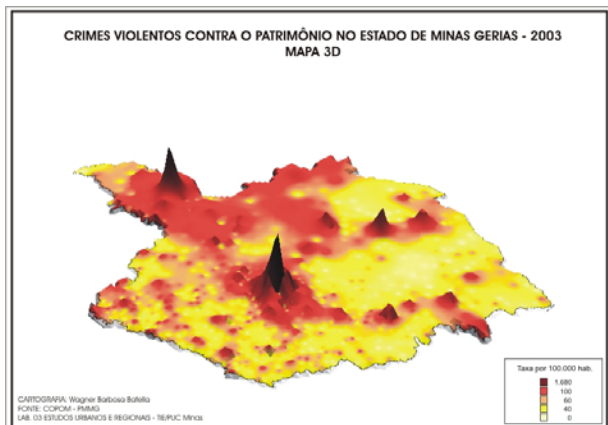


Figura 4

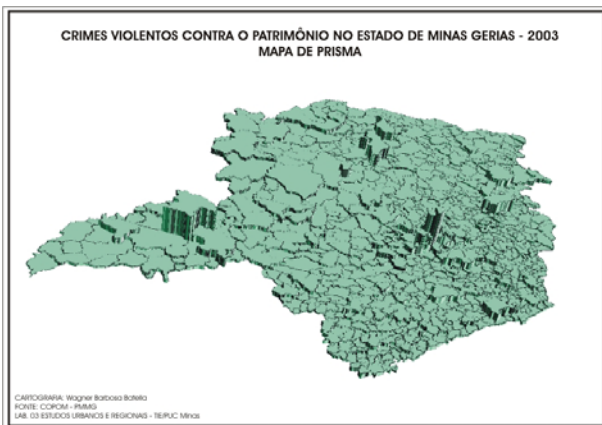


Figura 5

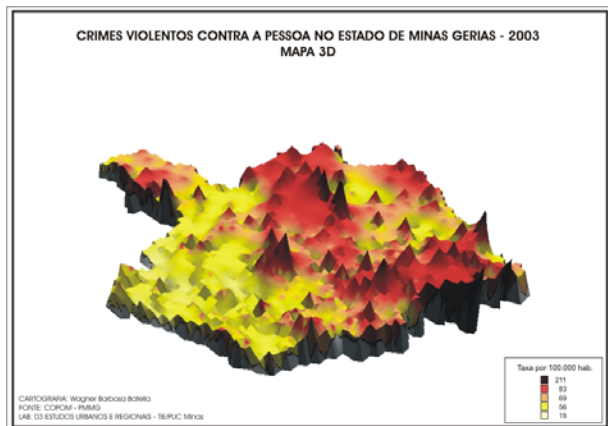


Figura 6



Análise espacial dos crimes violentos contra a pessoa

A distribuição espacial do conjunto de crimes violentos contra a pessoa no Estado de Minas Gerais não se dá de modo uniforme ao longo de todo o período. O total de crimes violentos apresenta-se concentrado nas cidades médias localizadas nas Mesoregiões Noroeste (Unaí, João Pinheiro), Vale do Mucuri (Teófilo Otoni) e Vale do Rio Doce (Governador Valadares) (Figuras 5 e 6). Estas taxas mantiveram-se ao longo de todo o período em patamares superiores, oscilando entre 102,84 e 193,25 ocorrências por grupo de 100.000 habitantes.

Ao contrário da sua participação nos crimes violentos contra o patrimônio, o Triângulo Mineiro apresenta pouca expressividade no que tange aos crimes violentos contra a pessoa. Da mesma forma, as Mesoregiões Sul, Central, Oeste e Norte do Estado de Minas Gerais destacam-se como áreas de baixa incidência destas modalidades de crime entre 1995 e 2003.

Modelos de regressão linear múltipla

Com base nos resultados de entrevistas formais realizadas junto a comandantes de batalhões de cidades médias do Estado de Minas Gerais e em hipóteses encapsuladas em diversas propostas teóricas acerca das raízes da violência urbana, discutidas por Diniz (2003 e 2005), Diniz e Ribeiro (2005), Diniz e Batella (2004) e Diniz et al. (2003) modelos de regressão linear múltipla foram desenvolvidos, buscando-se identificar e compreender os determinantes da criminalidade violenta nas cidades médias mineiras.

O objetivo geral de uma análise de regressão é quantificar a relação entre uma variável dependente e um conjunto de variáveis explicativas (independentes). Busca-se, ainda, na construção dos modelos encontrar um bom ajuste entre os valores preditos no modelo e os valores observados da variável dependente, bem como descobrir quais das variáveis explicativas contribuem de forma significativa pra esse relacionamento. Porém, merece destaque o fato de que com base em modelos bem

calibrados, com altos níveis de ajuste, pode-se construir uma série de previsões de comportamento de variáveis dependentes, permitindo, desta forma, a antecipação de cenários. Trata-se de uma importante contribuição a este projeto, que busca, dentre outras coisas, a construção de previsões em relação à manifestação da criminalidade violenta, em suas diversas formas, em Minas Gerais.

Neste sentido, trabalhou-se com um conjunto de variáveis independentes, assim definidas:

- Percentual da PEA ocupada
- Índice de GINI
- Taxa de alfabetização
- Percentual da população de 20-29 anos
- População total

De acordo com as visões dos comandantes da PMMG, propostas teóricas e do senso comum, esperar-se-ia uma relação negativa entre o percentual da PEA ocupada e a criminalidade. De acordo com esta lógica, um contexto geográfico marcado por expressivo contingente de indivíduos desprovidos de ocupação e, conseqüentemente, de renda, estaria mais propenso à incidência criminal. Tal fato se justificativa pelo imperativo individual de se alcançar meios para garantir as necessidades materiais de subsistência, o que, potencialmente, redundaria em crimes contra o patrimônio. Por outro lado, o stress gerado pela combinação de tempo ocioso e privações materiais, potencialmente, também favoreceria práticas de crimes contra a pessoa e contra os costumes.

Contextos marcados por grande descompasso entre ricos e pobres são, de acordo com as proposições teóricas e as visões de comandantes da PMMG, nichos favoráveis à incidência criminal. Grandes concentrações de renda colocam lado a lado realidades díspares e potencialmente conflitantes, forjando a convivência, nem sempre harmoniosa, de pequenos nichos sociais materialmente afluentes e uma enorme massa que sofre todo o tipo de privações. Desta forma, o índice de Gini representa uma

importante medida de concentração de riquezas e, conseqüentemente, uma variável potencialmente reveladora da incidência criminal.

Esperar-se-ia uma relação negativa entre taxas de alfabetização e incidência criminal. Afinal, grupos de indivíduos detentores de baixos níveis educacionais estariam mais propensos a recorrer à violência física para mediar conflitos e desavenças pessoais.

A literatura especializada, juntamente com as estatísticas criminais de vários países, revela que os jovens representam o grupo etário mais susceptível à violência, uma vez que esses indivíduos são, ao mesmo tempo, os principais agentes e vítimas do fenômeno. Portanto, esperar-se-ia encontrar uma relação positiva entre a proporção da população composta de indivíduos com idades entre 20 e 29 anos e a criminalidade violenta.

Grandes populações atomizam as relações pessoais, atribuindo à vida caráter anônimo, além de comprometer diversas formas de controle social. Esta, por sua vez, opera como elemento inibidor da violência urbana. Por outro lado, contextos geográficos onde vivem grandes populações são marcados por uma miríade de “oportunidades”, que são aproveitadas por agentes criminais. Ressalte-se que essas “oportunidades” materializam-se nas mais diversas formas, de uma janela esquecida aberta, a grandes volumes de bolsas e carteiras circulando pelas áreas centrais das grandes cidades. Portanto, esperar-se-ia, uma relação positiva entre tamanho populacional e incidência criminal. A partir deste grupo de variáveis independentes e hipóteses, procedeu-se a construção dos modelos de regressão linear múltipla.

Discussão dos resultados

O coeficiente de determinação (R^2) do Total de Crimes Violentos Contra a Pessoa revela que o conjunto de variáveis independentes explicou 28,9% da variação do fenômeno (Tabela 1.1). No entanto, apenas três das variáveis independentes utilizadas mostraram-se significativamente relacionadas ao Total de Crimes Violentos Contra a Pessoa, confirmando parcialmente o conjunto de hipóteses externado anteriormente.

Tabela 1.1
Coeficiente de Determinação e Ajuste do Modelo
Crimes Violentos Contra a Pessoa

R	R2	DF	F	Sig
0,538	0,289	102	7,886	0,0001

Na presença das demais variáveis do modelo, o percentual da PEA ocupada e o total populacional não são indicadores estatisticamente significativos. Por outro lado, o índice de Gini, bem como o percentual da população de 20-29 anos e a taxa de alfabetização comportaram-se de maneira esperada. No entanto, a análise dos coeficientes de correlação padronizados (Beta) revela que do conjunto de variáveis independentes utilizado, a taxa de alfabetização é aquela que se apresenta mais fortemente associada ao total de crimes violentos contra a pessoa (Tabela 1.2).

Tabela 1.2
Coeficientes de Regressão e Significância de Variáveis
Crimes Violentos Contra a Pessoa

	B	Beta	t	Sig
Percentual da PEA ocupada	-0,109	-0,023	-0,256	0,798
Índice de GINI	114,814	0,251	2,406	0,018
Taxa de alfabetização	-1,229	-0,352	-2,889	0,005
Percentual da população de 20-29 anos	4,918	0,272	2,604	0,011
População total	0,0000436	0,166	1,667	0,099

Por outro lado, o coeficiente de determinação (R2) do Total de Crimes Violentos Contra o Patrimônio apresenta um nível de ajuste muito superior, revelando que o conjunto de variáveis independentes explicou 72,2% da variação do fenômeno. No entanto, apenas duas das variáveis independentes utilizadas mostraram-se significativamente relacionadas ao Total de Crimes Violentos Contra o Patrimônio,

confirmando parcialmente o conjunto de hipóteses externado anteriormente (Tabela 2.1).

Tabela 2.1
Coeficiente de Determinação e Ajuste do Modelo
Crimes Violentos Contra o Patrimônio

R	R2	DF	F	Sig
0,850	0,722	102	50,463	0,0001

Na presença das demais variáveis do modelo, o percentual da PEA ocupada, o índice de Gini e a taxa de alfabetização não são indicadores estatisticamente significativos. Por outro lado, o percentual da população de 20-29 anos e o total populacional comportaram-se de maneira esperada. No entanto, a análise dos coeficientes de correlação padronizados (Beta) revela que do conjunto de variáveis independentes utilizado, o total populacional é aquela que se apresenta mais fortemente associada ao total de crimes violentos contra o patrimônio (Tabela 2.2).

Tabela 2.2
Coeficientes de Regressão e Significância de Variáveis
Crimes Violentos Contra o Patrimônio

	B	Beta	t	Sig
Percentual da PEA ocupada	-0,935	-0,044	-0,767	0,445
Índice de GINI	195,034	0,093	1,427	0,157
Taxa de alfabetização	0,338	0,021	0,277	0,782
Percentual da população de 20-29 anos	17,745	0,214	3,280	0,001
População total	0,001	0,726	11,666	0,0001

Considerações finais

Este trabalho analisou a evolução temporal das taxas da criminalidade violenta, entre 1995 e 2003, identificando a localização e a concentração espacial do fenômeno. Posteriormente, produziu-se, ainda, a análise exploratória dos condicionantes da criminalidade violenta entre as cidades médias de Minas Gerais, a partir de modelos de regressão linear múltipla.

No que se refere à evolução temporal e distribuição espacial dos crimes violentos, observou-se que, em linhas gerais, as taxas de criminalidade violenta têm aumentado de maneira significativa desde 1995, sobretudo àquelas referentes aos crimes contra o patrimônio. As cidades médias de Uberlândia, Uberaba, Montes Claros, Governador Valadares, Teófilo Otoni, por exemplo, destacam-se em relação aos crimes contra o patrimônio. Por outro lado, os crimes contra a pessoa tendem a se concentrar em Unaí, João Pinheiro, Teófilo Otoni e Governador Valadares. Nota-se assim, que Teófilo Otoni e Governador Valadares são cidades médias onde a criminalidade violenta se manifesta como um todo, inspirando um escrutínio especial.

Os modelos de regressão linear múltipla aqui desenvolvidos trazem intrigantes resultados que auxiliam a compreensão da distribuição espacial nas taxas de crimes violentos. Primeiramente, deve-se destacar que as modalidades de crime em tela responderam de maneira diferente ao conjunto de variáveis independentes empregadas. O modelo que apresentou melhor ajuste foi aquele referente aos crimes contra o patrimônio. Por outro lado, os crimes contra a pessoa exibiram baixo nível de ajuste.

Cabe ainda destacar que os modelos trazem evidências empíricas diferenciadas para as hipóteses avançadas, a despeito das variáveis independentes terem apresentado a direção (positiva ou negativa) esperada em relação às modalidades de crime. O desemprego, mensurada pelo percentual da PEA ocupada, ao contrário do esperado não apresentou relação estatisticamente significativa com as variáveis dependentes. A distribuição de renda assimétrica, mensurada pelo índice de Gini, bem como as taxas de alfabetização apresentaram-se estatisticamente relacionada apenas ao total de crimes violentos contra a pessoa.

Já o percentual da população com idade entre 20 e 29 anos configura-se como a mais consistente variável independente apreciada, uma vez que se apresenta estatisticamente relacionada às modalidades de crime contra o patrimônio e pessoa. Note-se que em todos os modelos esta variável apresentou sinal positivo, o que revela que quão maior a proporção de jovens nas diversas populações, maior será a criminalidade. A população total revelou estar mais associada aos crimes contra o patrimônio, apresentando relação positiva nessa modalidade de crime.

Esses resultados trazem à luz uma série de relevantes aspectos relacionados à violência nas cidades médias mineiras, subsidiando, não apenas a construção de políticas públicas associadas à segurança pública, bem como contribui, de forma inequívoca, para o avanço da geografia do crime, carente de teorias específicas.

Ainda no plano teórico, as cidades médias representam um importante papel no equilíbrio de redes e hierarquias urbanas e estabelecem intermediação não só entre as cidades grandes e pequenas da sua região, mas também em relação ao meio rural regional no qual estão inseridas e, ainda, possuem qualidade de vida superior. Entretanto, os resultados deste projeto colocam em xeque a suposta qualidade de vida superior das cidades médias, levantando dúvidas acerca do seu real potencial no planejamento e desenvolvimento socioeconômico do Estado. Ressalte-se que a situação é mais preocupante entre as cidades médias postadas nos níveis superiores da hierarquia produzida por Amorim Filho e Abreu (1999).

Referências bibliográficas:

AMORIM FILHO, O. B. Cidades médias e a organização do espaço no Brasil. **Revista Geografia e Ensino**. Belo Horizonte: 2(5) 5-34, jun. 1984.

_____. Las ciudades medias em la planificacion de Minas Gerais Brasil. **Anales Del Seminario Intenacional “Ciudades Intermedias de America”** (Dra Edelmira Gonzáles G. – editora). La Serena, Universidad de La Serena (Chile) 22-23/07/1996.

AMORIM FILHO O. B. e ABREU, JF. **Os eixos de desenvolvimento em Minas Gerais e suas tecnópoles**. Belo Horizonte – PUC-Minas. Mimeo. 1999.

AMORIM FILHO O. B. e SERRA, R. V. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional p.1-34. In Andrade TH e Serra, RV (org) **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro, IPEA. 2001.

BATELLA, W. B. e DINIZ, A. M. A. Desenvolvimento humano e hierarquia urbana: uma análise do IDH-M entre as cidades médias mineiras. In: **Anais do I Simpósio Regional Cidades Médias: Relações de Poder e Cultura Urbana**, Caratinga, 2005.

DINIZ, A. M. A. A geografia do medo, reflexões sobre o sentimento de insegurança em Belo Horizonte. **O Alferes**. Belo Horizonte. v. 18, p.119 – 133. 2003.

_____. Migração, desorganização social e violência urbana em Minas Gerais. **Rae GA**. Curitiba - Paraná: v.9, p. 09 – 23. 2005.

DINIZ, A. M. A., NAHAS, M I P, MOSCOVITCH, S K. Geografia da Violência Urbana em Belo Horizonte. **Cadernos de Geografia**, v.13(20), p.39 - 56. 2003.

DINIZ, A. M. A., BATELLA, W. B. Criminalidade Violenta nas Regiões de Planejamento de Minas Gerais: uma abordagem quantitativa. **Cadernos de Geografia**. Belo Horizonte: v.14(23), p.51 – 72. 2004.

DINIZ, A. M. A., RIBEIRO, J. P. Violência Urbana nas Cidades Médias Mineiras: determinantes e implicações. **Geosul**. Porto Alegre - RS: v.40, p. 56-68. 2005.

FELIX, S. A. Geografia do Crime. **Revista de Geografia**, São Paulo, v. 13, p. 145-166, 1996.

FELIX, S. A. **Geografia do Crime: interdisciplinaridade e relevâncias**. 1ª. ed. Marília: Marília-Unesp-Publicações, 200 p. 2002.

GUIDUGLI, O. S. Crime Urbano e Geografia Aplicada. **Geografia**, 10(19), p. 232-233, 1985.

Resumen

El presente trabajo explora el fenómeno de la violencia urbana entre las ciudades intermedias mineras y su evolución temporal (1996-2003) su distribución espacial y sus determinantes. Este estudio emplea los registros de crímenes violentos colectados y organizados por la Policía Militar de Minas Gerais para el conjunto de ciudades intermedias del Estado de Minas Gerais entre 1995 y 2003. La evolución temporal de la criminalidad violenta en Minas Gerais se presenta de forma uniforme. Las tasas de criminalidad violenta se ha aumentado sustancialmente desde 1995, sobretodo aquellas referentes a los crímenes contra el patrimonio. Se percibe, por tanto, una serie de padrones temporales y espaciales con relación a la manifestación de la criminalidad violenta en Minas Gerais, que, como es constatado viene creciendo sustancialmente en este Estado. Los modelos de regresión lineal emplearan el porcentaje de la población alfabetizada, con edad entre 20 e 29 anos, personas en edad de trabajo ocupadas, el índice de Gini e el total de la población como variables independientes. Los resultados apuntan padrones distintos, con mejor ajuste encontrado para los crímenes contra el patrimonio.

Palabras clave: geografía del crimen; criminalidad violenta; ciudades intermedias.